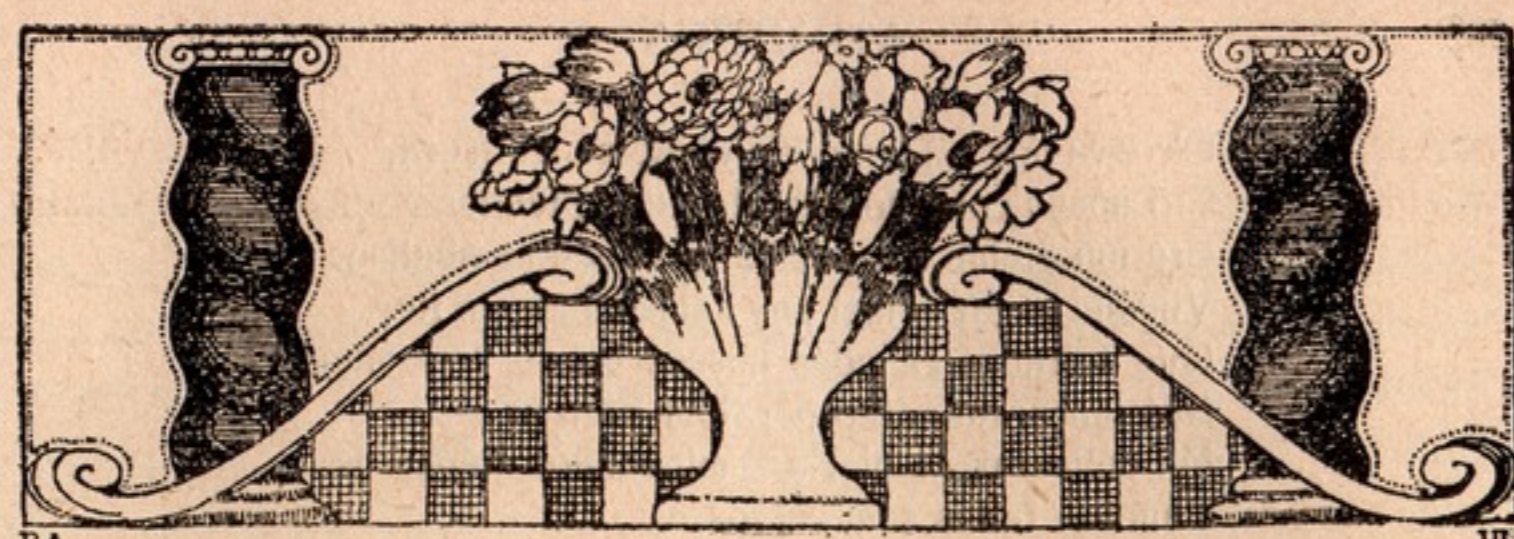


Pátria!

O «Berro» propõe-se começar a publicar na próxima semana uma série de ilustrações do livro condemnado do grande poeta Guerra Junqueiro — *Pátria!* Servir-se-ha das suas rubricas, para o que declara que não pediu auctorisacão ao auctor, e por ellas fará ao mesmo tempo Historia e Critica, taes como ellas se nos affiguram uteis de fazer.

Por este processo arbitrario esperamos, interpretando a obra do artista, tornal-a mais fecunda nos seus effeitos.

2



Ouvindo Guerra Junqueiro

A «PÁTRIA—EXEGESE DOS TERCETOS DE NUNALVARES»

Foi em 1902. Era eu estudante da Universidade, quando, em Junho, um antigo curso de Direito veio a Coimbra celebrar o aniversário da sua formatura.

À porta do Hotel estavam centenaes de académicos. Os velhos quintanistas iam interrogando, quando entravam: — Quem procuram?

— Guerra Junqueiro.

A todos os potentados que passavam preferiamos o nosso príncipe dos poetas. E príncipes e duques da politica sorriam um sorriso amarelo...

Foi uma boa lição!
Tenho idéa de que o autor da *Velhice do Padre Eterno* só veio mais tarde, à hora dos brindes.

Falou. E, severo, deve ter perturbado a digestão dos illustres conselheiros, reunidos sem filosóficos cuidados, em rapaziada evocativa, num restaurante estúrdio em frente à Sé Velha, todas as visceras remoçadas por um dionisiaco passeio a Tentugal, em diálogo pagão com as netas provocantes das mais lindas tricanas de 1872.

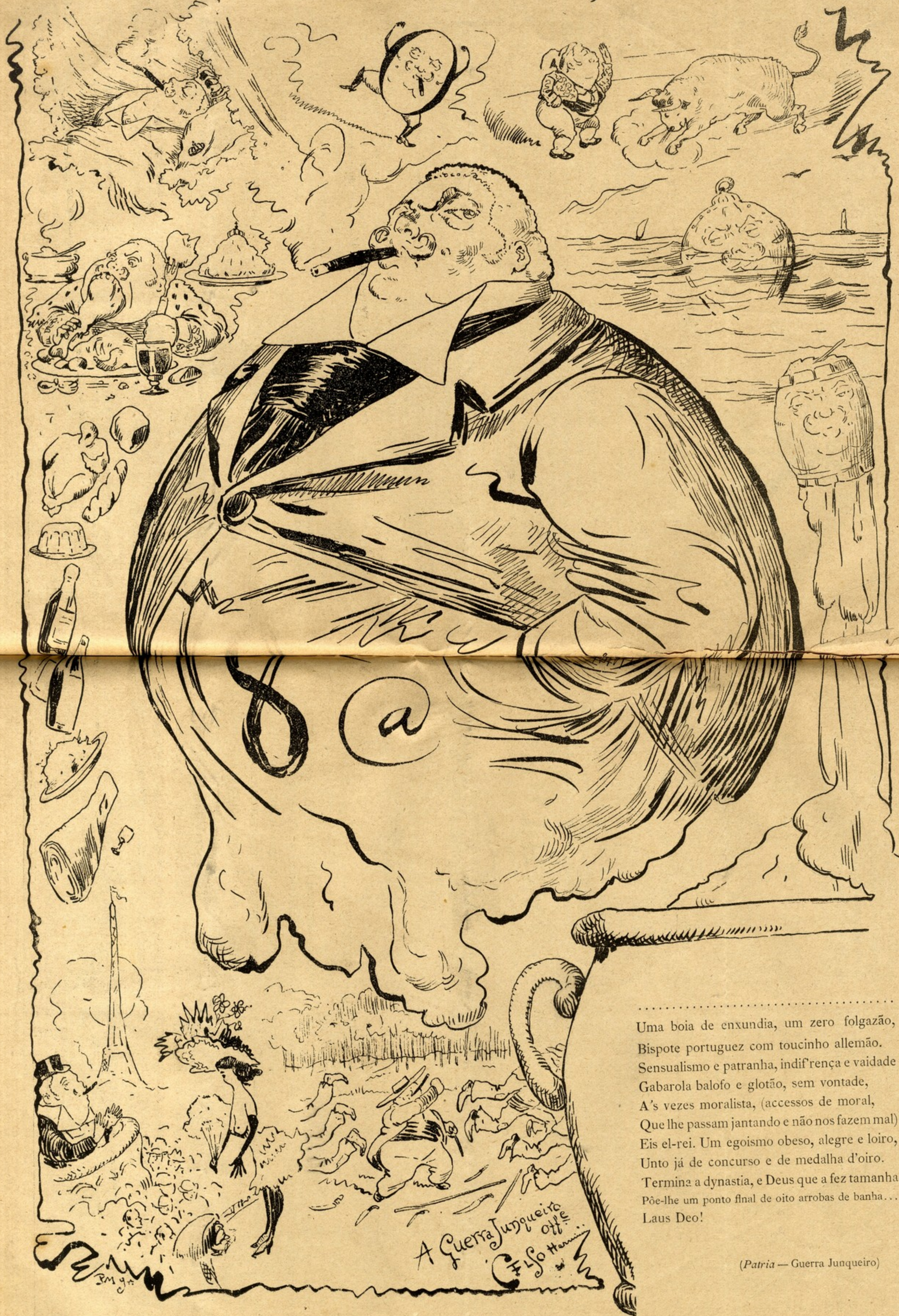
Trinta anos!...

Seis anos depois de na Via Latina se separarem, já o Poeta cantava com melancólica soledade:

«Recordam-se vocês do bom tempo d'outr'ora
Dum tempo que passou e que não volta mais,
Quando imos a rir pela existencia fora,
Alegres como em junho os bandos de pardais?»

4

OS BRAGANÇAS



Uma boia de enxundia, um zero folgazão,
Bispote portuguez com toucinho allemão.
Sensualismo e patranha, indif'rença e vaidade
Gabarola balofo e glotão, sem vontade,
A's vezes moralista, (accessos de moral,
Que lhe passam jantando e não nos fazem mal)
Eis el-rei. Um egoismo obeso, alegre e loiro,
Unto já de concurso e de medalha d'ouro.
Termina a dynastia, e Deus que a fez tamanha
Põe-lhe um ponto final de oito arrobas de banha...
Laus Deo!

(Pátria — Guerra Junqueiro)

«PATRIA»

Como prometteu no seu ultimo numero, este semanario inicia hoje a publicação de uma serie de estampas, illustrando o texto do recente livro do grande poeta Guerra Junqueiro — *Pátria!*

Pareceria ousado desvendar assim a secreta significação do pensamento do poeta se *Pátria* não fosse um verdadeiro poema á clef's, onde, desde o thema da composição, até aos personagens mais enigmaticos, tudo é de facilissima percepção.

Nós não fazemos, portanto, outra coisa que não seja illustrar, como illustrariamos o proprio volume, commentando-o a lapis, nas margens das suas folhas.

3

JUNQUEIRO ESCRITOR
PÁTRIA, 1896 (1)

Poema antimonárquico, atribuí à Dinastia de Bragança a responsabilidade pela decadência de Portugal. Termina com a ideia de que só uma mudança de regime, via revolução republicana, poderia libertar e salvar a alma nacional.

A este poema épico-satírico, Junqueiro junto em apêndice as suas “anotações”, análise política e social dos graves problemas nacionais a que ainda hoje se reconhece uma atualidade incontestável.

Três meses antes de morrer, em abril de 1923, Junqueiro altera este poema, juntando-lhe uma autocrítica em prefácio, onde afirma ter sido injusto para com os Braganças.

1. *Pátria* (1.^a ed.)

2. “Pátria!”
O Berro
N.º 14, 10 Mai. 1896

3. “Os Braganças”
Celso Hermínio
O Berro
N.º 15, 17 Mai. 1896

4. “Ouvindo Guerra Junqueiro”
Lopes d’Oliveira
Atlântida
N.º 19, 1917, p. 581-596